



Décio Pignatari (o segundo de pé, da esq. para a dir.) nos anos 40, com seu time de futebol de várzea, em Osasco (SP)

Pignatari - É verdade. Eu vivia literalmente no cinema, porque a família do meu grande amigo da infância era dona do Cinema Osasco, onde eu entrava de graça. Basta lembrar que, aos oito anos, vi "Frankenstein" e aquilo me apavorou durante anos. Não podia entrar num quarto escuro que eu via o Boris Karloff na cama. Aquilo se tornou um inferno até um ponto que minha mãe, não sabendo o que fazer, teve a idéia de me exorcizar. Eu fui benzido, o que é uma espécie de exorcismo, por um padre que tinha sido da paróquia de Osasco. Depois disso eu melhorei muito, me senti protegido por uma realidade superior. Não havia mais por que temer o Boris Karloff. Mas só vim a me curar de verdade quando, aos 18 anos, fui rever o filme, enfrentar o monstro. Outro filme que mudou a minha vida foi "A Mão do Diabo", com Pierre Fresnay. Para mim era a própria fábula da arte e do artista na mão do diabo. Eu me lembro que saí do cinema, num sábado à tarde, com a impressão de estar caminhando no ar, comovido, besta. Estas coisas todas vão montando a cabeça do adolescente. Tudo era em função de cinema. Quando assisti "Casablanca", a minha paixão por Ingrid Bergman se tornou absolutamente uma piração e eu queria que a namorada fosse a Ingrid Bergman de qualquer jeito. Só que ela queria ser a Lana Turner. Eu fiquei tão maravilhado com a Ingrid Bergman que a gente fez um pacto — acho que milhares de casais adolescentes fizeram na época. O pacto era assim: onde quer que se tocasse "As Time Goes By", nenhum de nós dois dançaria com ninguém. E se estivessemos em presença, se fosse tocada a música, um sairia ao encontro do outro, como um autômato. É aquela teoria da cristalização de que fala Stendhal em seu livro sobre o amor. Ele cria essa linda imagem de um lugar, onde há um poço que, devido a certas ações de saís e certas reações químicas, cristaliza tudo que é lançado lá dentro. Ele cria essa linda imagem de que a paixão é assim: não importa o que se diga ou o que se ouça, tudo se cristaliza na pessoa amada. Som, cor, música, o universo fica contaminado.

Folha - O sr. tem acompanhado a produção brasileira atual de poesia e prosa?

Pignatari - Pouca coisa. Quando comeci a tentar ler prosa brasileira, confesso que não consegui. Leio 20, 30 páginas e acho uma chatice. O Saramago, inclusive. Eu gosto da prosa dele. A língua e a linguagem dele são maravilhosas, mas eu não gosto do romance. Adorável é o livro de turismo que ele escreveu, "Viagem a Portugal". Percorri Portugal lendo Saramago. É uma graça. De vez em quando, leio umas coisas que me interessam. O "Copo de Cólera", de Raduan Nassar, eu gostei. Mas ele deixou de escrever. O próprio Ivan Angelo, que fez "A Festa", largou. Todas as experimentações de linguagem foram tão combatidas pelos esquerdofrênicos nacionalistas, os conservadores, a universidade, sob a acusação de elitismo e formalismo, que os escritores brasileiros deixaram de experimentar. Enquanto isso, os escritores de língua castelhana começaram a fazer experimentação na prosa, todo mundo, o Lezama Lima, o Cabrera Infante, o Alejo Carpentier, o próprio Borges. E com isso

fizeram uma nova leitura dos seus países. No Brasil, ficou o Guimarães Rosa, sozinho, como experimentação. Houve as experiências de transição, "Galáxias", de Haroldo de Campos, "Catatau", de Paulo Leminski, mas a prosa brasileira foi ficando a reboque não só da Europa, mas da literatura de fala castelhana da América Latina. Quando comeci a escrever "Panteras", achei que era preciso retomar a experimentação na prosa, mas não imitando 22. Queria uma abertura nova e minha.

Folha - O sr. leu "Estorvo"?

Pignatari - Li três páginas. É meio um Kafka carioca e fala brasileiro. Acho que foi um bom esforço do Chico.

Folha - Por que o sr. não foi além das três páginas?

Pignatari - Porque a gente fica com vício. Eu li tanto romance, que não suportava a redundância. É novidade mesmo, a melhor coisa que eu vi como narrativa é talvez o único mini-romance brasileiro quase que inteiramente visual, "O Mês da Gripe", de Valêncio Xavier. É fascinante. Ele só usa gravuras e coisas de jornais da época da gripe espanhola em Curitiba em 1918. E põe ali, em baixo das ilustrações, uma estranha narrativa, a historieta secreta de um sujeito perambulando pela cidade, cheia de doentes, as portas abertas, que entra no quarto de uma alemã doente, transa com ela e vai

pos, que animou o momento, mas também pifou. O rock brasileiro também não foi para a frente... Agora que a MPB afundou, voltou de novo a surgir a possibilidade da poesia escrita e falada também, gravada.

Folha - Em 1985, o sr. escreveu um artigo na Folha defendendo o parlamentarismo. O sr. ainda é parlamentarista?

Pignatari - Ah, sou sim. Porque uma coisa que me surpreendeu muito nas últimas vezes que fui à Europa foi a agilidade com que o povo votava. Eles não queriam mais saber da rubrica

ideológica de partido: se a economia ia mal, se os empregos tinham diminuído, eles botavam o governo abaixo e eu achava isso muito dinâmico. Não agradou, caj o governo e você põe outro. É difícil, você está votando sempre, mas envolve as pessoas diretamente na coisa. Enquanto que aqui, se você não tem o impeachment, você vota no sujeito e é obrigado a engulir-lo por cinco anos.

Folha - O sr. sempre se pronunciou como sendo de esquerda. Como vê a situação de um homem de esquerda no mundo de hoje?

Pignatari - Bem, a gente sempre pensa que tem explicações para as coisas... Eu não creio que tenha explicações, mas idéias posso ter. Primeiro, acho que quem decide no Brasil é o lumpem, o lumpem proletariado. Nenhum sociólogo, nem ninguém, estudou seriamente essa coisa do lumpem, que Marx formulou no "18 Brumário de Luís Bonaparte". Quer dizer, o choque entre a industrialização e o campo gera uma escória que os marxistas daqui, tendo traduzido por sub-proletariado, acabaram produzindo uma mentira. Lumpem-proletariado quer dizer o proletariado de farrapos, o dos que, na verdade, não têm ideologia. São revoltados, mas não revolucionários. E parasita da classe dominante. Esse é um lumpenizado que vem e decide as eleições. O mesmo que elegeu a Erundina amanhã pode elegeer Maluf. Os próprios comunistas brasileiros não sabem o caráter, a figura do lumpem que existe no Brasil todo. O arrastão no Rio é o lumpem, todo o mundo do tráfico é lumpem e naturalmente todos os desempregados, meninos de rua. As empregadas domésticas montam essa força muito importante, que também quer tornar-se extremamente produtiva, mas não consegue. Por quê? As forças retrógradas que pensam que vão ser ultrademocráticas mantêm este estado de coisas. Se você dá voto aos 16 anos e aos analfabetos, você está mantendo a base, o lumpem, que vota em gente ignorante, porque o moço é bonzinho. Portanto, no Brasil a primeira coisa é educação e não obras. O Ciac é só a casca, e o soft onde é que fica? Os professores? O sistema de ensino? É aí que você tem que investir.

Outra coisa: sou absolutamente favorável à abertura, à privatização, ao acordo com o FMI. Não posso concordar de jeito nenhum com esse negócio de querer manter este imenso estamento empresarial, que foi montado por Getúlio Vargas. O Brasil jamais conheceu o capitalismo verdadeiro. Jamais, porque quando o país começou a se capitalizar, veio a Revolução de 30, o golpe de Vargas, que misturou tudo, o capital público e o privado e montou essa coisa teratológica em que você não sabe onde está o público e o privado. É preciso deflagrar uma capacidade produtiva enorme, fazer com que o mercado realmente exista e depois vamos ver onde estão as distorções: aqui o Estado intervém, ali dá uma paradinha, aqui conserva, e vai acertando os interesses públicas. Eu estou a fim de zerar o novo capitalismo. E aí, sim, as idéias socialistas novas têm que surgir, porque as que estão aí já não funcionam. São uma repetição de velhos slogans que não significam nada. É preciso um novo socialismo.



Desenho de Décio Pignatari

## TRECHOS DE "PANTEROS"

Já era Vargas, ainda não era a guerra. Rua a correr ao longo da estrada de ferro, sebe farpada levemente desventrada, manhã de sol em março neblinado, viu-se a vê-la que descia de um ford bico-bunda -de-corno grená: trancinhas no cocoruto, saia marrom suspensa dos ombros em cruz, mala e chapéu redondo nas mãos, pele morena cinza, sobranceiras arqueadas, sinhá moça de subúrbio. A polpa da boca, olhou de soslaio, subiu firme os degraus da estação e do vagão, Miro esbaforiu-se atrás dela, quando o trem já partia. Vagão de madeira, primeira classe, bancos de palhinha, estralejam os ferros dos encostos reversíveis, sucessivamente, à entrada dos passageiros. Duas crianças, escondidas nos bancos, pensam uma na outra.

Vinda de obscuro lugar do sul paulista, Sengés (onde houve franceses), via Itararé, presumia-se sinhá, mas de pai farmacêutico, depois contador e de mãe beata, contrariada no primeiro amor e rancorosa. Matriculada no Stafford, botava as perninhas para fora do carro (de praça nas horas não-sinhás) rumo ao trem, com raiva de ver sempre aquele menino disfarçadamente à espreita.

O monstro ansioso de ferro negro quase encostou o nariz no paracheque. Resfolegou vapores na caverna francesa de vidro e aço, esguichou guinchos, repousou resmungos, abriu o ventre, desovou a pequena multidão na plataforma, que se pôs a rolar burburinhos. Carregando a mala escolar como se ela o carregasse, calças curtas esgueirando-se ligeiras por entre as gentes, viu a aparecia e desaparecia nos espaços dos largos pilares do saguão de entrada: fotogramas descontínuos de cinema mudo.

O noivo, de terno de linho, depois de olhar para a porta fechada ao lado e atentar com o ouvido, cinema mudo, debruçou-se sobre ela à esquerda ato rápido ("Puxa, ele está comendo a boca dela!"), disse o Amflicar), enquanto a mão sob a pelerine arriava vestido e alça do sutiã e a boca como língua resvalava para um peitinho que saltou trêmulo como geléia cremosa, a mão entrando entre as pernas, ligas vermelho/verde/branco, depois nervosas abrindo as calças puxando o braço da noiva para as suas próprias pernas ela não sabia se abria ou fechava os olhos, a mãozinha subia e descia enquanto a boca se borrarava e de repente ela passou um lenço nas bocas, tudo se recompôs em 16 quadros por segundo, o noivo se levantou solícito para receber a futura sogra, que abria a porta e se apresentava com a bandeja de café, sorridentalmente.

Ao querer saber dela ansiosa, ao saber da mensagem, do recado para o encontro na matinê do cinema, no domingo, sentiu-se recaído, de novo contagiado pela mesma doença, ou, quem sabe, invadido por um outro alguém, de outra vida-Miro. Foi quando começou a compreender um certo discurso poético de Camões, Cláudio Manuel, Gonzaga: Yara era a doença e a cura. No rodopio das coisas, por mais que houvesse coisas, por mais que bracejasse, tudo redemoinhava para o raló guloso daquele amor, que tudo sugava para si mesmo, não deixando nada para ambos os dois.

Trechos do livro "Panteras", de Décio Pignatari

### OBRAS

Comunicação Poética. Editora Moraes, 1981.

Contracomunicação. Perspectiva, 1971.

Informação Linguagem Comunicação. Cultrix, 1980.

O Que É Comunicação Poética. Brasiliense, 1987.

Podre Brasil: Crônicas Políticas. Pontes, 1988.

Poesia Pois É Poesia. Brasiliense, 1986.

O Rosto da Memória. Brasiliense, 1986.

Semiótica & Literatura. Editora Moraes, 1979.

Semiótica da Arte e da Arquitetura. Cultura, 1989.

Semiótica e Literatura. Cultrix, 1987.

Linguagem da Televisão. Brasiliense, 1984.

Com outros:

Teoria da Poesia Concreta. Duas Cidades, 1975.

Como tradutor e organizador:

Retrato do Amor Quando Jovem. Companhia das Letras, 1990.



Yara, como é chamada no livro, o amor juvenil de Décio

**CHUVA CÔSMICA**

David Rabinowitz, um astrônomo da Universidade do Arizona descobriu que a Terra é vítima de uma chuva de asteróides. A cada dia, 50 asteróides do tamanho de uma casa passam a menos de 400 mil km de distância. A cada ano, cinco desse atingem o planeta. Antes de Rabinowitz, acreditava-se numa frequência cem vezes menor.

**FLIO DA MEADA**

Pesquisadores descobriram uma molécula num osso de dinossauro de 75 milhões de anos. Eles agora vão tentar descobrir a proteína equivalente nos outros fósseis e nos répteis e aves das espécies atuais. O objetivo é montar a árvore genealógica dos dinossauros.

**BUCKYCHIPS**

Nem futuro próximos deverão surgir os primeiros chips feitos com as buckybolos, as moléculas de carbono em formas de bola de futebol. Japoneses já fizeram perfis deste material, o primeiro passo para o seu uso na eletrônica.

**SOM DOS TRILHOS**

Andrew Young, um engenheiro do País de Gales, inventou um aparelho para prevenir choques de trem baseado no fato de que a melhor maneira de se perceber a aproximação de uma composição é encostando a orelha nos trilhos. O aparelho percebe a aproximação do trem e avisa o maquinista do perigo.

**PALAVRAS**



*"O universo é o grande livro da filosofia. O livro está sempre aberto para o olhar humano, mas não pode esperar compreendê-lo quem não dominar primeiro a linguagem e os caracteres com os quais ele foi escrito. Essa linguagem é a matemática."*

Galileu Galilei (1564-1642), físico e astrônomo italiano. Foi o primeiro a construir uma luneta e o formulador do princípio da inércia.

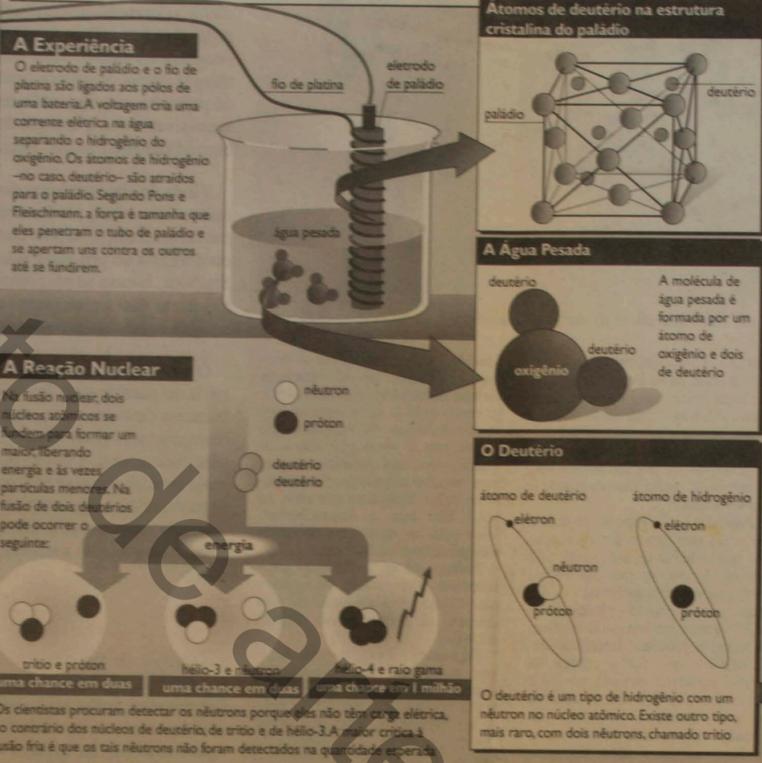
**ciência**

# Japoneses esquentam debate sobre técnica de fusão fria

Anúncio da repetição da experiência faz subir ações da empresa que a está financiando

**TEORIA E PRÁTICA DA FUSÃO FRIA**

Como é a experiência mais polêmica dos últimos quatro anos



Os químicos americanos Martin Fleischmann e Stanley Pons explicam seu experimento

**Para físicos, técnica é heresia científica**

Da Redação

O cientista Hideo Ikegami, que coordenou e fez o discurso de encerramento do encontro internacional de fusão fria, em Nagoya, no Japão, curiosa e cuidadosamente evitou utilizar, durante suas exposições, a própria expressão que deu nome ao colóquio de cientistas. "Usar ou não o nome fusão fria não tem a menor importância", disse Ikegami. Segundo o cientista, o que conta é que "fenômenos anormais estão sendo postos em evidência e que não existe nenhuma resposta satisfatória para explicá-los. Isto nos obriga a prosseguir na pesquisa".

Não é o que pensam os físicos. A experiência de Pons e Fleischmann consistiu em fazer passar uma corrente elétrica entre um fio de paládio e uma haste também de paládio imersa em água feita com deutério, uma forma pesada de hidrogênio. Eles afirmaram que quando a corrente envolvia a haste de paládio com deutério seus átomos começavam a se fundir, fornecendo mais energia, na forma de calor, do que a consumida em forma de corrente elétrica.

Para os físicos, o problema é que, segundo todas as teorias conhecidas até agora (e não substituídas pelos defensores da possibilidade da fusão a frio) a técnica de

Pons e Fleischmann viola o princípio de que a fusão só é possível na presença de enormes quantidades de calor, como no reator Jet. Para os físicos, a fusão fria é um erro experimental.

A explicação para o fenômeno, para os cientistas que acreditam nele, é uma heresia para a física. Segundo a explicação, que alguns deles chamam mesmo de "alquimia eletroquímica", em condições especiais os elétrons que circulam os átomos de hidrogênio fornecem energia quando eles "colapsam" em órbitas previamente desconhecidas. Nonsense, segundo os cientistas que lidam profissionalmente com as leis da física (veja quadro acima).

Do "Libération"

Se acreditava que ela estivesse morta e enterrada no meio das ilusões das falsas teorias. Só se ouvia falar da fusão fria de tempos em tempos, desde que sua descoberta foi anunciada entusiasmadamente em 1989 nos Estados Unidos pelos eletroquímicos Stanley Pons e Martin Fleischmann. A Terceira Conferência Internacional sobre Fusão Fria, realizada no fim do último mês em Nagoya, no Japão, parecia condenada a ser uma reunião de párias da ciência. Mas, contra todas as expectativas, o Japão lhes estendeu um tapete vermelho. Principalmente por que no começo do encontro foi anunciado com ênfase que um laboratório japonês havia repetido cinco vezes a polêmica experiência dos americanos.

"Se estes fenômenos forem confirmados isto será para a humanidade tão importante como a descoberta do fogo", disse Hideo Ikegami, do Instituto Nacional de Pesquisa da Fusão Fria de Nagoya, na abertura do encontro. Isto é: se o fenômeno da fusão fria for confirmado, a humanidade terá garantida uma fonte inesgotável de energia.

Em Nagoya, durante quatro dias de debates acirrados, todos os cientistas disseram que conseguiram energia através da fusão fria. Além dos japoneses, havia cerca de 50 americanos representando 20 laboratórios, vinte italianos, 15 russos e uma dezena de chineses.

O princípio e os equipamentos para realizar a fusão fria se parecem com os da física de brinquedo. Uma garrafa, dois eletrodos, um pouco d'água e corrente elé-

trica suficiente. Pelo menos foi assim que Pons, da Universidade de Utah (EUA) e Fleischmann, da Universidade de Southampton (Inglaterra), apresentaram seu pequeno dispositivo de conseguir mais energia do que a que consome para fundir átomos.

Os dois pesquisadores disseram ter conseguido fundir os núcleos de deutério (hidrogênio pesado), obtendo colossais quantidades de energia. E isso apesar das enormes forças de repulsão entre partículas carregadas eletricamente —o que se chama de barreira coulombiana, no jargão dos especialistas. Uma barreira suficientemente potente para, segundo os princípios da boa física, não permitir essa "fusão em garrafa", que chega a parecer alquimia. A vantagem e a euforia causada pela possibilidade da fusão fria se deve ao seu combustível —o deutério se encontra em quantidade inesgotável na água do mar.

Até agora, as únicas fusões atômicas obtidas e confirmadas são de origem termonuclear. De modo descontrolado, como nas bombas de hidrogênio, ou controlado, como as realizadas no Jet (Joint European Torus), de Oxford, uma máquina gigantesca, financiada por vários países europeus, para realizar fusões a altíssimas temperaturas. Para realizá-las, além do mais, são necessárias também enormes quantidades de energia. Em nove de novembro de 1991, no Jet, uma reação de apenas dois segundos teve de ser utilizada uma potência de mais de 15 milhões de kilowatts. O resultado: foi obtida uma potência de 2 kilowatts, o suficiente para fazer funcionar um chuveiro bem morninho.

**Técnica ainda é suspeita**

Do "Libération"

Apesar do olhar de descrédito de muitos físicos, muitos representantes de indústrias se deslocaram até Nagoya para saber o estado da pesquisa sobre fusão fria. Estavam lá representantes da indústria nuclear japonesa, gigantes do porte da Toshiba, Hitachi e das Indústrias Pesadas Mitsubishi. Mas apesar de terem financiado o encontro, governos e grandes empresas ainda desconfiam das possibilidades da técnica.

Instituições e o governo japonês, por sua vez, estão destinando excedentes casuais de orçamento para financiar pesquisas nessa linha. Hideo Ikegami, do Instituto Nacional de Fusão Fria de Nagoya, no Japão, tem verba do ministério da Educação japonês para manter um grupo de cientistas, em permanente contato com Fleischmann e Pons, para tentar compreender o fenômeno que eles dizem ser verdadeiro e fazem o levantamento de todos os laboratórios do mundo que estão trabalhando na mesma direção.

Em 1991, Stanley Pons assinou um contrato com a IMRA, uma sociedade de pesquisa da qual são acionistas a Aisin-Seiki (ligada ao grupo Toyota) e a Aisin A-W (empresa especializada em caixas de câmbio automáticas).

No departamento de pesquisa básica da NTT, a líder do setor de telecomunicações no Japão, dois físicos, Eiichi Yamaguchi e Takashi Nishioka, ganharam casualmente uma pequena verba para estudar a fusão fria. "Eviden-

temente, nossos padrões detestaram a idéia de nos ver trabalhando na fusão fria. Mas eles nos deixaram continuar", diz Yamaguchi. Mas o tom blasé de Yamaguchi não deixa de levantar suspeitas sobre o interesse da NTT na fusão fria, até agora pesquisada apenas por laboratórios periféricos do mundo da ciência.

As pesquisas dos físicos japoneses eram publicadas regularmente nas revistas científicas japonesas, passando no entanto completamente despercebidas até a semana anterior ao início da conferência de Nagoya, quando Yamaguchi publicou seus surpreendentes resultados sobre obtenção de energia na garrafa de água pesada.

"Não havia nada de novo neste meu último trabalho em relação aos precedentes", diz Yamaguchi. "A novidade foi a NTT anunciando em uma conferência de imprensa", completa o pesquisador. Uma decisão rendosa. No dia seguinte, as ações da NTT tiveram uma alta de 11% na Bolsa de Tóquio.

Enquanto isso, pesquisadores fora das capitais do mundo científico perseguem aquilo que os físicos chamam de mera alquimia. Na Rússia, o Instituto de Físico-Química de Wateringburg, nos Urais, está testando materiais alternativos aos utilizados pelos eletroquímicos americanos e diz estar obtendo resultados perfeitamente reprodutíveis. Pelo menos é o que diz Aleksey Barabochkin, amigo de longa data de Fleischmann.

**SINOPSES**

**CIÊNCIAHOJE**

A edição de setembro, que está chegando agora às bancas, destaca na capa um artigo de Júlio Cesar Melatti sobre os mitos indígenas. Melatti, antropólogo da Universidade de Brasília, reconta vários mitos dos índios craós, que vivem no norte de Tocantins. Cinco dos seis relatos são inéditos e todos são analisados pelo autor. (14, nº 84, 36-43)

**ONDE ENCONTRAR**  
Números importados de revistas de ciência, alguns deles bastante recentes, podem ser encontrados em várias bancas da cidade de São Paulo, como Cidade Jardim (tel. 212-7121), Jardins (tel. 282-5143) e Vilaibom (tel. 67-2107).

**nature**

Destaca na capa da edição de 22 de outubro um artigo sobre a mais nova molécula da família das buckybolos (fulerenos): a "cebola de carbono". É uma molécula de grafite —uma das formas de cristalização do carbono— com estrutura quase esférica com várias camadas concêntricas. O autor do trabalho é o químico Daniel Ugarte, pesquisador da Escola Politécnica Federal de Lausane, Suíça. Ele explica como se forma essa estrutura amorfa, que é pouco menor do que uma buckybola de 60 átomos de carbono. (359, 707-9)

**SCIENCE**

Um grande painel sobre a ciência no Japão é o tema da edição de 23 de outubro. Num série de reportagens e artigos que ocupam 70 páginas, a revista enfoca as universidades, a política científica, as áreas que recebem mais investimento e o papel da iniciativa privada no financiamento da ciência no país. Também são mostrados como esse país está superando o desafio de se tornar uma potência científica, até mesmo na área fundamental e o intercâmbio crescente nessa área com outros países, especialmente os EUA. (258, 561-630)

**news scientist**

Publica na edição de 24 de outubro um artigo sobre a história das centrífugas para enriquecer urânio, instrumento vital para a construção de bombas atômicas. Essa técnica foi desenvolvida por cientistas alemães que foram para a União Soviética no final da Segunda Guerra Mundial. Hoje essas centrífugas, patenteadas pelo seus inventores, são usadas em países do Terceiro Mundo, como o Paquistão, o Iraque e o Brasil. As grandes vantagens desse processo é o baixo custo do equipamento e o pequeno consumo de energia. (136, nº 1.844, 30-5)

**The New England Journal of Medicine**

Traz um artigo de revisão na edição de 15 de outubro sobre a formação e o tratamento de pedras nos rins. O artigo trata desde os tipos de pedras que se formam nos rins até os mais modernos tratamentos, como o uso de ondas de choque, que explodem a pedra, passando pelos métodos tradicionais, como a cirurgia. (327, 931-36)

**ENTENDA A REFERÊNCIA**  
Nas citações científicas, o primeiro número, em negrito, indica o volume. O último dá a página. "Nature 337, 601" quer dizer página 601 do vol. 337 da "Nature". Quando a numeração de página muda no mesmo volume, esta seção cita o nº da edição.